



Metamorfoses

Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros

ISSN: 0875-019, v.20, n.1, e60726, 2023

DOI: 10.35520/metamorfoses.2023.v20n1a60726

Artigo Original

Clarice Lispector e a vanguarda da escrita feminina

Clarice Lispector and the avant-garde of women's writing

Nádia Battella Gotlib 

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: nadia.gotlib@gmail.com

RESUMO

Como considerar a produção literária de Clarice Lispector em relação ao conceito de 'vanguarda' tal como esse conceito é problematizado pela própria Clarice Lispector, enquanto renovação, pesquisa e autoconhecimento? Considera-se, num primeiro tópico, o modo como foi lida por um de seus primeiros críticos, Antonio Candido, privilegiando aí o caráter de 'renovação' e o conceito de 'romance de aproximação' na leitura que o crítico faz do romance inaugural de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*. Num segundo tópico, considera-se o espírito renovador de Clarice em relação a algumas romancistas que a antecederam. Num terceiro tópico, estabelece-se a relação entre a estrutura narrativa do romance *A paixão segundo G. H.* e do poema "Chuva Oblíqua-III", de Fernando Pessoa, ambos centrados no desenho do percurso de incessante pesquisa de autoconhecimento de um 'eu' em direção a um 'outro', em que se testa a potencialidade da linguagem até um limite máximo, mediante criativo repertório de figurações poético-literárias.

PALAVRAS-CHAVE

Clarice Lispector; escrita feminina; vanguarda.

Editores-chefes

Sofia Maria de Sousa Silva
Paulo Ricardo Braz de Sousa

Editores convidados

Teresa Cristina Cerdeira
Maria Lúcia Guimarães de Faria
Maximiliano Torres
Anélia Montechiari Pietrani

Recebido: 31/08/2023

Aceito: 07/09/2023

Como citar:

GOTLIB, Nádia Battella.
Clarice Lispector e a
vanguarda da escrita feminina.
Revista Metamorfoses, v.20,
n.1, e60726, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
metamorfoses.2023.
v20n1a60726](https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2023.v20n1a60726)

ABSTRACT

How should Clarice Lispector's literary production be considered in relation to the concept of "avant-garde", as it is problematized by Clarice Lispector herself, in the sense of renovation, research and self-knowledge? The way she was read by one of her first critics, Antonio Candido, is here considered, in a first topic, favoring the character of "renovation" and the concept of "novel of approximation" in the reading done by the critic of *Near to the Wild Heart*, Clarice Lispector's debut novel. The second topic brings considerations on Clarice's renovating spirit in relation to some of the novelists who preceded her. The third topic establishes a relation between the narrative structure of the novel "*The Passion According to G.H.*" and Fernando Pessoa's poem "Chuva Oblíqua-III", both centered around the path of unceasing search for self-knowledge of a "self" towards an "other", in which the potentiality of language is tested to its utmost limit by a creative repertoire of literary-poetic figurations.

KEYWORDS

Clarice Lispector; women's writing; *avant-garde*.

Introdução

Obrigada pelo convite que me foi dirigido pela equipe responsável pelo *Congresso Internacional Luso-Brasileiro 100 Futurismo*, e que me chegou por intermédio da nossa querida colega Teresa Cristina Cerdeira.

Agradeço a oportunidade de estar aqui com os colegas Professores Vincenzo Arsillo, o acadêmico Antonio Carlos Secchin e o acadêmico e nosso coordenador Domício Proença Filho.

Peço licença às senhoras e senhores aqui presentes para iniciar minhas considerações dedicando essa minha modesta e breve exposição sobre Clarice Lispector a dois professores que tiveram importância considerável na área que esse congresso privilegia. Na dos estudos da cultura portuguesa, Professora Maria Aparecida Santilli. E na dos estudos da cultura brasileira, Professor Antonio Candido.

E me permito compartilhar com os senhores e senhoras a minha satisfação em ter tido o privilégio de conviver com os dois professores, a partir de 1969, quando ingressei no curso de Pós-Graduação da USP depois de cursar a Graduação na Universidade de Brasília.

Deles recebi não só os ensinamentos nos cursos de Pós-Graduação, não só a participação em bancas de trabalhos meus, mas uma orientação assídua – formal, no primeiro caso, informal, no segundo caso – convivência que se transformou numa

amizade sincera e profunda, a ponto de encontrar ali conselhos e apoio para situações problemáticas e território propício a muitas confidências.

E assim foi, até o falecimento da professora Maria Aparecida Santilli, em 22 de março de 2008 e do professor Antonio Candido, no dia 12 de maio desse nosso ano de 2017.

Pois numa última conversa que tive com o professor Antonio Candido – eu, ingenuamente sem saber que seria a última –, em seu apartamento, em São Paulo, é que me detenho, para iniciar essa minha participação.

Depois de me dedicar um livro seu, ele me pediu licença para sair da sala. Foi a um quarto em que conservava parte da sua biblioteca. E dali voltou segurando um livro, que me deu também de presente: o exemplar de *Perto do coração selvagem*, de Clarice, que ela, Clarice, lhe dedicara exatamente quando o livro começou a ser divulgado: em 18 de dezembro de 1943.

Não preciso dizer que não trouxe o livro aqui, com medo de lhe acontecer algum arranhão ou qualquer outro abalo físico. Nem preciso dizer com que cuidado e carinho guardo esse exemplar nas estantes do meu escritório.

Nas páginas já amareladas, o livro conserva o sabor da década: os anos 1940, quando Clarice efetivamente inaugura sua carreira ficcional de romancista. Sabe-se que em 1940 e 1941 publicara contos na imprensa carioca. Mas com esse livro acontece sua primeira incursão pelo romance e com repercussão na crítica.

Seis meses depois dessa dedicatória, o então crítico escreverá dois artigos justamente sobre esse romance.

Autor e crítico, dessa, através da escrita, se encontram. Ambos jovens. Por ocasião do oferecimento do livro, e quase parodiando o Machado de Assis de “Missa do Galo”, mas ele sendo o mais velho, diria que ‘contava ele 25, ela, 23’. Aliás, Clarice acabara de completar 23, no dia 10, uma semana antes da data da dedicatória.

Trabalhara nesse romance ao longo dos dois anos anteriores. Escrevera, pois, o romance com seus 21 anos. Em 1942. E finalizara em 1943. Com 22 anos. Escreve, pois, não com 17, como supúnhamos, quando acreditávamos na data de nascimento que a própria escritora propagara, como sendo 1925, e não 1920, esta, a verdadeira, pelo menos conforme se comprovou mediante documento de nascimento oficial registrado e escrito em ucraniano, na Ucrânia.

No raiar de Clarice

O que teria ele, o crítico, ‘enxergado’ nesse romance escrito por uma desconhecida do meio intelectual e literário do país? É o que o autor expõe nos tais dois artigos da “Folha da Manhã”, em junho e julho de 1944, e que depois seriam republicados em livro com o título de “No raiar de Clarice Lispector.”

De fato, trata-se do “raiar” de Clarice Lispector.

Raiar no sentido de despontar, começar a nascer. E quem sabe já também no sentido de irradiar raios luminosos, brilhar. E por que não o outro sentido, talvez o mais apropriado para Clarice, irradiar no sentido de tocar as raias ou os limites, de aproximar-se de?

Seja como for, em que sentido for, e sem qualquer intenção laudatória, apenas me servindo das imagens ‘de irradiação’ sugeridas a partir do título do artigo, posso afirmar que em 1943 a estrela Clarice começava efetivamente a brilhar..

Ato ficcional inaugural pautado no gênero do romance, primeiro marco de uma produção que haveria de se desenvolver ao longo dos próximos trinta e três anos, até seu último raio de ação – *A hora da estrela* –, o primeiro livro sinaliza um procedimento do que o crítico chamou de “tentativa de renovação”, num momento em que não se tinha ainda a certeza da perspectiva histórica do que representaria essa obra nos anos subsequentes.

Considerando um certo “conformismo estilístico” na produção brasileira da época, com exceção de apenas duas obras de relevância – *Memórias sentimentais de João Miramar*, do Oswald de Andrade e *Macunaíma*, de Mário de Andrade – o autor reconhece uma ausência do que chama de “verdadeira aventura da expressão”, que, tal como nas duas obras mencionadas, se procure “estender o domínio da palavra sobre regiões mais complexas e mais inexprimíveis”. E conclui: “Por isso, tive verdadeiro **choque** ao ler o romance **diferente** que é *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim.”¹ (Candido, 1970, p. 126-127).

E eu completaria: para ele e para todos, com exceção do grupo de alguns poucos jornalistas e romancistas com quem a então jornalista Clarice convivia, desde 1940, no Rio, sobretudo com Lúcio Cardoso, Adonias Filho, Ledo Ivo, Francisco de Assis Barbosa... sem, contudo, com eles formar uma ‘escola’, ou ‘corrente’, ou ‘movimento’. Relações de amizade, de admiração, de coleguismo que se manifestavam inclusive em indicações de leitura de autores de predileção.

E o crítico acrescenta que este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua a

[...] domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente (Candido, 1970, p. 127).

¹ Esses grifos em negrito, bem como os demais, em negrito, que aparecerão ao longo do texto, são do autor do artigo. Os demais, em itálico, são do autor da citação.

Eis um ‘retrato’ oportuno e, no meu entender, pertinente da literatura de Clarice, que poderíamos estender a grande parte da sua obra.

Essa literatura de Clarice pertenceria, ainda segundo o crítico, ao grupo dos que preferem “o risco da aposta à comodidade do ramerrão” (Candido, 1970, p. 127) e “dentro da nossa literatura, é *performance* da melhor qualidade” (Candido, 1970, p. 128). É o que ele chama de obra “com força de exceção” (Candido, 1970, p. 130).

As razões para esse lugar de destaque, ainda que mergulhada no mais profundo desconhecimento por parte do público, residem, segundo o autor, na questão da linguagem. Uma linguagem nova, com “associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas” (Candido, 1970, p. 128).

Contrariando o termo romance de análise, já em desuso, o autor considera esse romance como um “**romance de aproximação**”, tendo como ponto de referência para essa nova categoria um procedimento patente na relação autor/personagem:

O seu campo ainda é a *alma*, são ainda as *paixões*. Os seus processos e a sua indiscriminação repelem, todavia, a ideia de análise. São antes uma tentativa de esclarecimento através da identificação do escritor com o problema, mais do que uma relação bilateral de sujeito-objeto (Candido, 1970, p. 128-129).

E conclui:

O seu ritmo é um **ritmo de procura, de penetração** que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente, para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa, de tal modo que **a língua adquire o mesmo caráter dramático que o entrecho** (Candido, 1970, p. 129).

Poderíamos nos deter em outros aspectos desse artigo: o destaque que o crítico confere ao ritmo caprichoso de duração interior; ao capítulo “O Banho”, aliás, tema recorrente na literatura de Clarice; a recorrência ao mito de Sísifo para traduzir essa busca sempre reiterada.

Ressalto apenas, do final do artigo, o certeiro tiro crítico:

A **intensidade com que sabe escrever** e a **rara capacidade da vida interior** poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização (Candido, 1970, p. 131).

Revisitando esse artigo de Antonio Candido eu me pergunto se aí não estariam as linhas pelo menos fundamentais que norteariam a leitura de Clarice nas décadas posteriores, tanto no que se refere à renovação da linguagem, quanto à sensibilidade e aos procedimentos do autor/narrador.

Clarice Lispector e as antecessoras dos anos 1930

Curiosamente, essa criação ficcional inovadora (que o crítico **sente como** ato “consciente e escolhido”), anuncia um ‘perfil vanguardista’ nos termos que seriam problematizados duas décadas depois, pela própria Clarice Lispector, em conferência intitulada “Literatura de vanguarda no Brasil”.

Para Clarice, vanguarda seria, sim, uma forma de experimentação, mas uma experimentação visando “rebentar” uma forma estratificada de modo a levar a uma nova visão da realidade, a uma realidade outra. E complementa: como qualquer “verdadeira experimentação levaria a maior autoconhecimento, o que significaria: conhecimento”, então “vanguarda seria, pois, em última análise, um dos instrumentos de conhecimento, um instrumento avançado de pesquisa.” (Lispector, 2005, p. 97).

Mas essa arte de vanguarda, que se faz pelo autoconhecimento e pesquisa, segundo a escritora Clarice Lispector, acontece de modo isolado em relação às suas antecessoras.

Ao se voltar para a literatura da ‘intimidade’ e da ‘clandestinidade’, a narradora explora um outro universo antes apenas entrevisto, excepcionalmente, em momentos de alguma fantasia, por algumas antecessoras dos anos 1930.

Basta lembrar o romance social ‘engajado’ que nos trouxe o *Parque industrial*, de Pagu, de 1933, Rachel de Queiroz, com *O Quinze*, de 1930 e *Caminho de pedras*, de 1937 e ainda Lúcia Miguel Pereira, com seus três romances *Maria Luíza* (1933), *Em surdina* (1949, mas escrito em 1932), *Amanhecer* (1938), estes, sem se distanciarem das questões da sociedade burguesa no núcleo familiar.

Clarice encontra-se talvez mais perto do romance da sua irmã, Elisa Lispector, (eu diria: mais próxima mais no ‘propósito’ que na ‘realização’) que dois anos depois, em 1945, estreia com *Além da fronteira*, romance em que se nota um ‘DNA Lispector’ no foco voltado para uma literatura da intimidade, ao auscultar, sem descanso e com exploração de detalhes, os dilemas do protagonista Sérgio (nos outros romances seus, todos os protagonistas serão mulheres), jornalista e escritor frustrado, que, depois de tentar relacionamento com várias parceiras, acaba aceitando a solidão.

Clarice enfrenta os segredos abafados, acobertados, não confessados, recalçados, ou simplesmente aparentemente descartados, enfim, clandestinos, por uma via singular: a originalidade reside no modo de se construir essa intimidade aproximando-se

gradativamente (volto ao ‘romance de aproximação’) do ‘outro lado do espelho’, sem perder o fio desse difícil percurso.

E surge também praticamente à margem das nossas vanguardas em língua portuguesa dos anos 1910 e 1920.

Mas nem tanto. Algumas construções sugerem, até explicitamente, contatos com escritores e poetas desse modernismo luso-brasileiro de primeira hora.

Na sua correspondência passiva, apenas um bilhete de Oswald de Andrade, um bilhete-poema, emitido de São Paulo, no dia 14 de março de 1946, quando Clarice morava na Suíça, supostamente respondendo a correspondência anterior a Clarice, supostamente referente à notícia do romance *O lustre*, de Clarice, que ele publicara na coluna Telefonema, que mantinha no Correio da Manhã, em 26 de fevereiro de 1946.

E de Mário de Andrade resta-nos uma carta, ou melhor, a notícia de uma carta que lhe escreveu e que nunca ninguém viu, nem Clarice. A carta que o escritor teria enviado a Clarice, logo depois de ler o romance *Perto do coração selvagem* (que lhe foi dedicado por Clarice no dia 18 de dezembro de 1943), foi enviada à escritora no primeiro semestre de 1944, para Belém do Pará, onde Clarice residiu durante seis meses, acompanhando o marido diplomata em serviço. Mas a carta extraviou. Fernando Sabino, ao passar por Belém, foi até o Central Hotel, à procura da carta. Mas não encontrou. A carta sumiu.

Quanto aos escritores portugueses, além de leituras de Eça de Queiroz, haveria, sim, uma aproximação mais concreta justamente quando em agosto de 1944, na sua viagem para a Europa, antes de chegar a Nápoles, destino final, passa 12 dias em Lisboa. Numa caderneta de viagem narra suas impressões e os contatos com Ribeiro Couto, que lhe ‘faz a corte’, para usar termo um tanto antigo, que lhe desenha um retrato, afirmando que era difícil desenhar Clarice porque “tinha alguma coisa que não se pegava, e a doçura”. E mais: reconhece nela uma “animalidade banhada em luar”. Nessa oportunidade Clarice conhece Natércia Freire, Maria Archer, João Gaspar Simões. Aliás, com Natércia Freire mantém breve correspondência. E a poetisa portuguesa escreve um poema em sua homenagem, “Clarisse”, inserido no volume *Rio infundável*: “Amiga e, num instante, minha Irmã.” (Freire, 1991, p. 52).

Clarice Lispector e Fernando Pessoa

Mas o contato mais contundente de Clarice com poetas que viveram esse primeiro modernismo português aparece, creio eu, no encontro dela, Clarice, com Fernando Pessoa, que ela, certamente, leu.

Trata-se de um encontro meramente literário. De modo mais explícito, por alusões. É o caso de certas crônicas de Clarice. Numa delas, o escritor aparece logo

no título: “Fernando Pessoa me ajudando”, crônica publicada em 1968 no *Jornal do Brasil*, em que manifesta sua aflição por não conseguir deixar de ser pessoal nas crônicas...² Noutra, intitulada “Sem aviso”, desenvolve uma variação em torno do tema o “Poeta é um fingidor”.

Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser tão precavida; porque depois nunca mais a mentira descolou de mim. E tanto menti que comecei a mentir até a minha própria mentira. E isso – já atordoada eu sentia – isso era dizer a verdade. Até que decaí tanto que a mentira eu a dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta” (Lispector, 1984, p. 662).

E o ‘drama em linguagem’, para usar expressão de Benedito Nunes, desenha-se também na crônica intitulada “A experiência maior”, que eu cito:

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o âmago dos outros: e o âmago dos outros era eu” (Lispector, 1984, p. 604).

Esse percurso – do eu até o “âmago do outro”, que, no entanto, “era eu”, – constitui, penso eu, o âmago da proposta literária ‘pessoana’ de Clarice. Que se faz – ou se processa – mediante o recurso da aproximação, segundo Antonio Candido, recurso acrescido da consideração do próprio trecho da linguagem como ‘drama’, tal como o considerou o crítico.

De fato, desde seu primeiro romance a escritora situa a personagem em estado de procura de algo, que a leva ao confronto com os outros: em *Perto do coração selvagem*, com o pai, a tia, o marido, a outra do marido, o outro da própria Joana. É o que acontece também com Virgínia, em *O lustre*, com Lucrecia, em *A cidade sitiada*, com Lóri em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. E, de modo mais contundente, e denso, e intenso, já sem a presença física do parceiro, em *A paixão segundo G. H.*

A personagem, relembro, artista, escultora, já finalizada a relação amorosa, procura ‘limpar’ o apartamento de cobertura e começa pelo quarto de empregada que seria o mais sujo e se revela como sendo o mais límpido. É lá que se defronta com o outro: Janair, já ausente, e suas múltiplas configurações – de empregada doméstica a Rainha e, num estágio final, barata, que a escultora come.

² “É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha. Acho que se escrever sobre a superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal.” Clarice Lispector, “Fernando Pessoa me ajudando”. *Jornal do Brasil*, 21 set. 1968; *A Descoberta do Mundo*, 1984, p. 195.

O desenho dessa intersecção entre um eu e não-eu, encontra, por sua vez, uma intersecção literária com o espaço desenhado por Fernando Pessoa na sua “Chuva Oblíqua-III” (Pessoa, 1969, p. 114-115): do seu quarto, ao correr da sua pena, divisa no ângulo da parede branca, uma pirâmide, e adentra esse espaço.

“A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...” [...]

“E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com a pena...”

Já G.H., passa da sala para o quarto dos fundos. Enfrenta esse “deserto” em que se revela “o segredo dos faraós”.

Cito apenas uma frase: “sinto no hieróglifo da barata lenta a grafia do Extremo Oriente.”

Até se defrontarem, ambos, com os respectivos tesouros, quando se transfiguram no outro (ele, Rei; ela, Rainha) e se redescobrirem ‘em Si’.

Do poema de Fernando Pessoa, cito o último verso: “Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim!...”

Do romance de Clarice Lispector, cito a frase síntese do clímax desse processo, quando a personagem-narradora se vê assimilada no ser Janair/Rainha/barata, barata forte e selvagem que sobrevive, soterrada nos escombros de uma civilização desigual: “A vida se me é” (Lispector, 1964, p. 182).

Ambos – a barata Rainha e o rei egípcio – surgem no clímax de um percurso em que se dá a reversão: a experiência do ‘ser âmagó’, depois de um difícil percurso de travessia às profundezas do tesouro, do pensar ao não entender e simplesmente adorar, ou contemplar.

Segundo Clarice, seria o estágio do ser nem eu nem o outro, mas simplesmente ‘matéria viva pulsando’. Todos em um. Sem distinção de raça, de cor, de classe, de nacionalidade. Devoração antropofágica, ou melhor, autofágica de assimilação da diferença, com repercussões de ordem ética, social e estética.

No caso de Clarice, esse eu diante do outro haveria de se materializar num trio: Clarice desdobra-se no narrador Rodrigo M. S., que se desdobra em Macabéa, em *A hora da estrela*. E voltaria sob a forma de um Ele e um Ela, em *Um sopro de vida*. Clarice “ortônima”, entre seus “heterônimos”, segundo expressão de Benedito Nunes (1979, p. 170).

Renovação e vanguarda

Talvez justamente por cultivar esse recurso ‘de aproximação’, ao longo da obra, acaba ocorrendo uma transposição de procedimentos: o que vale para a autora Clarice, ao escolher o tal procedimento para o narrador – o recurso proposto por Antonio Candido de “romance de aproximação” –, com os efeitos que bem enumerou, acaba se constituindo núcleo da própria **ação** de personagens.

Em todas essas circunstâncias criativas, Clarice inova. Coloca-se à frente. Em posição de vanguarda. Mas solitariamente. Sem grupos nem manifestos. Mesmo porque, ao longo de sua jornada literária, comprova-se uma certa aversão a sistemas, a normas, conseqüentemente, a qualquer tipo de ‘-ismo’, já que o desejo se insurge contra amarras e se manifesta figurado na força selvagem do cavalo galopando solto no pasto. Ou do navio diante da perspectiva de um oceano sem fim.

Pautada por esse mesmo espírito de rebeldia, sem condescender, sua literatura **reverte-se contra si mesma**. Escreve páginas femininas para deleitar, mas fissa a leitora com pitadas de venenos ficcionais letais. Escreve romances tradicionais mas insurge-se também contra o romance, que se transforma em simplesmente “ficções” ou “pulsações”. Age como jornalista entrevistadora, mas, de repente, vira o jogo e o entrevistado passa a lhe fazer perguntas. Ou seja, e eu cito, **“Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.”** Eu complementaria: nada parece pegar Clarice, sempre em movimento, por deslocamentos e deslizamentos sucessivos. O ‘ser inclassificável’ talvez seja o seu melhor e mais ousado lema de inovação e vanguarda.

Referências

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 126-131.

FREIRE, Natércia. Clarisse. *In*: FREIRE, Natércia. **Obra poética**. Prefácio de David Mourão-Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991. v. 1, p. 52.

LISPECTOR, Clarice. A experiência maior. **Jornal do Brasil**, 6 nov. 1971. (publicado em **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 604).

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

LISPECTOR, Clarice. Fernando Pessoa me ajudando. **Jornal do Brasil**, 21 set. 1968. (publicado em **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 195).

LISPECTOR, Clarice. Literatura de vanguarda no Brasil. *In*: MONTERO, Teresa; MANZO, Lícia (org.). **Outros escritos**. Rio de Janeiro, Rocco, 2005. p. 95-111.

LISPECTOR, Clarice. Sem aviso. **Jornal do Brasil**, 20 maio 1972. (publicado em **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 662).

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1979.

PESSOA, Fernando. Chuva Oblíqua-III. *In*: PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1969. p. 114-115.